

TÂNIA ALEXANDRA

Quero-te...

Hoje



Ficha Técnica:

Título Original: Quero-te... Hoje

Autora: Tânia Alexandra

Copyright © Tânia Alexandra

Revisão: Alexandra/Nova Geração

Design/Diagramação: Alexandra/Nova Geração

Capa: Alexandra/Nova Geração

Impressão/Acabamento: Bookmundo.pt

1ª Edição: Janeiro 2023

© 2023

Todos os direitos reservados ao autor.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Este livro contém conteúdos para adultos.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/nova.geracao.digital](https://www.instagram.com/nova.geracao.digital)

[Facebook.com/novageracao.lerdigital](https://www.facebook.com/novageracao.lerdigital)

Para ti, que me lês



Capítulo 1

Revoltada com a proposta indecente que o patrão fizera, a jovem não pensa duas vezes e demite-se. Antes que ele pestaneje, dá-lhe uma chapada que o deixa mal-humorado. Chama-lhe todos os nomes que conhece, sai do escritório dele e bate com a porta, estremecendo o corredor. Ao andar em direção à sua secretária, observa os olhares inquisidores, mexericos atrás de pastas suspensas, para disfarçar. Pensavam com toda a certeza que cedera àquele homem ordinário.

Ela sabia a fama dele. Noutras imobiliárias comentavam as conquistas dele, a pressão sobre as assistentes pessoais. Nunca quis acreditar. Todos possuíam um lado bom. Ninguém trabalharia com uma pessoa assim. Enganara-se profundamente. Todo o esforço, todo o trabalho, toda a dedicação para elevar a carreira e aquele rapazola pouco mais velho do que ela, dizia-lhe que só chegara ali porque tencionava dar-lhe algo melhor em troca. Que permaneceria sua assistente se lhe desse o que ele desejava, porém, ao passar-lhe a mão pela perna, foi a gota de água.

Perto da sua secretária, o mal-estar era penetrante. A recordação daquele homem a aproximar-se de si, o sentar-se na cadeira adjunta à sua. O cheiro a colónia incendiava o ar, a garganta começou a secar quando as pontas dos dedos dele tocaram ao de leve nos seus ombros despidos. Ao recordar as histórias que ouvira outrora, sente o batimento do seu coração pulsar em tons de aviso. O arrepio na espinha começa a prepará-la para tomar cuidado. As palavras soletradas da voz áspera, fizeram-na sentir-se enjoada.

— Já te disseram o quanto és linda?

O olhar fervente do homem, fê-la perceber as intenções maldosas dele. A mão dele passou com destreza para as suas pernas, tentando mantê-la junto de si, valeu-lhe a sua perspicácia. A falta de carácter daquele homem dá-lhe a força necessária para se levantar. Se tivesse uma pasta à mão, desfazia-a em cima dele, várias vezes.

Deixou-o a reclamar entre as paredes e saiu o mais apressado possível. Se pensava que seria uma das suas conquistas, meteu-se com a mulher errada.

Já na secretária, pega todos os seus pertences; um a um, deixou-os cair dentro da caixa de papelão. Nenhum vestígio dela permaneceria para contar história, preferia perder o emprego à dignidade.

Quando levanta a cabeça, vislumbra alguns dos olhos postos nela. Tentavam perceber o que se passara dentro daquele gabinete. Não se deu ao trabalho de se pronunciar, o otário que justificasse a sua saída, se o entendesse. Pega na caixa sem olhar nenhuma vez na direção dos seus colegas e em andamento firme sai do edifício.

Ao abrir a porta, o patrão mais velho surge à sua frente e prontifica-se a dar-lhe passagem. Admirado com a sua expressão, primeiramente boquiaberto com a caixa de papelão a transbordar que quase não dava para vislumbrar o rosto dela. Assustado com a possibilidade de perder uma das suas melhores funcionárias, pergunta-lhe o sucedido. Ela prontifica-se a explicar a proposta que o filho lhe fizera, sem papas na língua, recorda os acontecimentos enquanto deixa as palavras fluírem como pétalas caídas. Fá-lo entender o desprezo que obteve contra o filho dele, realçando como prejudicaria o seu trabalho se não aceitasse as condições propostas por ele.

Envergonhado, indignado, furioso, baixa a cabeça abanando-a. Sensibilizada com a expressão de tristeza que o pobre homem emanava nas suas feições e por respeito a quem estava diante de si, descansa-o e garante não apresentar queixa a partir do momento em que não volte a ser incomodada. O homem mais velho agradece, comovido, abre, em simultâneo, a porta para ser possível ela passar com a caixa. Convicta da decisão tomada, não olha para trás. Nunca no seu perfeito juízo se rebaixaria a esse ponto.

Existiam muitos empregos e não lhe custava nada lutar por um, sem quaisquer atalhos. Não fora educada para passar por cima de ninguém para obter benefícios, quanto mais dar o corpo ao manifesto para obter uma promoção. Acreditava que só merecia com muito esforço, trabalho e dedicação. Com certeza existia quem gostasse de facilidades, mas ela, não. Ela não seria uma presa fácil nas mãos

de otários que pensavam mais com uma cabeça do que com outra. Perto do carro, retira o comando da mala e aponta ao carro. A luz dos piscas sinaliza estar aberto, abre o porta-bagagens, e sem se dar ao trabalho de ser cuidadosa, deixa a caixa embater no fundo do feltro preto. Sentada no lugar do condutor dá à chave e volve viagem até casa.



A noite era passada uma vez mais naquele bar agradável. Não era um bar de cores escuras, muito pelo contrário, as cores que penetravam no olhar dos clientes eram cores frescas. Sentada apreciava o contraste das luzes a resplandecer no seu vestido. Cinco amigas solteironas, entre garrafas de vinho, todas elas diferentes, todas elas conhecidas em diferentes alturas da sua vida, no entanto, todas elas completavam o círculo que a preenchia nos últimos anos. Desiludida com o sucedido, conta o que aconteceu com o seu patrão. Aconselha-se perante as suas amigas sobre os próximos passos a tomar.

Sentia que o seu dia fora como as ondas do mar, a irem e a voltar, sem porto certo. Passara a tarde a procurar um novo emprego, sem sucesso. Entre risadas e picardias, o conselho mais certo foi o de Joana. A sua melhor amiga, aquela a quem confidenciava mais, aquela que sabia o seu segredo. Não que fosse um segredo grave para se esconder, simplesmente não queria que ninguém se metesse na sua vida. As suas decisões, as suas perspetivas, assim como aquilo em que acreditava só a ela dizia respeito.

Joana respeitava e aceitava, sabia que o fazia melhor do que qualquer um, mesmo que a picasse por vezes. Com o aumento do consumo de álcool, as advertências das restantes amigas, transformaram-se em provocações atrevidas.

— Miúda, que tal, dares o fora daqui? É verão, tira umas férias.
— *Atira Joana para o ar.*

Mais duas garrafas de vinho para a mesa, umas gargalhadas e umas olhadelas pelo ambiente. Com o olhar atento, ela vê três rapazes na mesa em frente sorrindo para a mesa delas. Do nada, o empregado aproxima-se com mais três garrafas de vinho.

— Cortesia dos rapazes daquela mesa. — *Acena com a cabeça.*

Os murmúrios começam também na mesa delas. Fisgando o olhar para aqueles três rapazes esbeltos.

Entre uns sorrisinhos mudos, uns brindes no ar distanciados, dá o mote para os três se dirigirem a elas. Nada de pânico. Não era a primeira vez que aquilo acontecia. A diferença? Naquele dia não estava com disposição para as conversas dos tipos que engatavam mulheres num bar. Falando a verdade, nunca teve paciência para tipos que se metiam com mulheres, e agora muito menos.

Juntaram-se alegres, regados a mais vinho. Uns sorrisos mais íntimos, umas mãos atrevidas e tudo começava a ir para outro caminho. Torce o nariz, sabia que não podia continuar ali.

Um dos rapazes, aproxima-se dela com calma, tranquilidade e aproveita a oportunidade para conversar. A proximidade fê-la endireitar-se no banco. Torce o nariz com a sua postura, dando a entender ao tipo que não se mostrava interessada nos seus avanços. Sente o perfume dele suave, mas, ao mesmo tempo, penetrante. Ele coloca uma mão na mesa, estica o braço, baixa-se o suficiente para ela sentir a respiração dele na sua nuca, ao sussurrar no seu ouvido.

— Estás muito linda.

As mesmas palavras que aquele ordinário. Remexe-se na cadeira, sem se dar ao trabalho de abrir a boca, não valia a pena. Ela estava consciente dos objetivos dele e deixou esses jogos de prazer para as suas amigas. Sem o encarar, levanta-se. Uma desculpa rápida dá o mote para a sua saída. Cumprimenta os presentes e sai do bar. Nenhuma delas daria pela sua ausência. Sabia onde a noite terminaria. Sempre que existiam homens à mistura, a noite terminava da mesma maneira. Não é o tipo de noite que ambiciona e dá-lhe prazer.

No interior do carro contempla a entrada do bar, com o cotovelo apoiado na porta, segura a face com o punho fechado. Observa o sorriso dos presentes entre goles do líquido que os saciava, assim pensavam. A bebida acalmava as lacunas de um dia estressante, mas não retirava os problemas de cima da mesa. O seu maior problema, agora, seria sem dúvida encontrar um emprego decente, sem precisar de “*carícias*” para lutar pelo que acreditava, pelo seu valor.

Tentando não pensar mais nisso, dá à chave. Ao chegar a casa atira com os sapatos de salto alto para o chão, encosta-se à porta fechada atrás de si. Sopra o cabelo preto que lhe escorre pela cara. A sua mãe já dormia.

Ela, sem vontade de dormir, arrasta os pés descalços na direção do sofá. Recosta-se nele, onde o corpo se afunda no feltro cinza. Passa os canais um a um. Começa a bocejar e deixa-se deitar no sofá. Aconchega a almofada atrás da cabeça, pousando uma mão debaixo da face entre a almofada, os olhos cansados. Boceja mais uma vez e cerra os olhos.



Capítulo 2

Dia 1

O tilintar de talheres e o aroma intenso a café despertam-na. Espreguiça-se com os olhos semiabertos e observa a sua mãe a preparar o pequeno-almoço. Sai do sofá e caminha descalça em direção à mãe. Um sorriso e um beijo na bochecha e o dia ficaria muito melhor. Com os braços apoiados na bancada da ilha, observa a entrega da mãe no pequeno-almoço, mais, observa o olhar da mãe nela, o olhar que dizia tudo, o olhar de desaprovação ao vê-la assim vestida.

— Fica descansada, passei a noite toda em casa. Fui ao bar ter com as minhas amigas e voltei logo.

— Rita, sabes muito bem que não gosto que andes assim vestida. Os vizinhos ainda pensam que andas na rua com outras intenções. Vá, vai tomar um banho para comeres.

— Eu não me importo com aquilo que os vizinhos dizem ou deixam de dizer. Eu sei o que quero para a minha vida. Isso não muda só porque ando vestida com uma saia mais curta ou porque saio à noite para dançar um pouco com as minhas amigas. — *Endireita-se.* — Não te devias importar também. Afinal conheces bem a filha que tens.

A mãe consente afirmativamente e fica impressionada com a destreza da filha em lidar com boatos. Aponta de imediato com o dedo indicador direito na direção das escadas para que ela se despachasse

Rita despreocupada sobe as escadas, sente o azulejo castanho frio a ressoar debaixo da pele dos seus pés ainda mornos. Ao entrar no quarto, deixa o seu corpo cair em cima do *edredom* da cama que não fora desfeita. Pestaneja o olhar em direção ao teto numa fração de segundos, levanta-se de imediato na direção do chuveiro e coloca-se sob a água morna. Dez minutos volvidos entra no quarto de toalha

enrolada e o cabelo preto comprido, molhado a escorrer pelo corpo. Abre a gaveta do roupeiro, sem se dar ao trabalho de escolher, sendo que permaneceria por casa sem muito para fazer. Ainda sentia as gotas do cabelo lamberem-lhe a pele enquanto pegava nos calções de fato de treino e uma *t-shirt* larga. Sente-se pronta a enfrentar o dia, desce as escadas e senta-se junto à bancada, a desfrutar do pequeno-almoço com a mãe.

O olhar fixo no horizonte, chama a atenção da mãe, enquanto barrava o pão com manteiga. Sem dizer uma palavra, observa os gestos da filha, que torcia o nariz em reprovação ao que acontecera no dia anterior.

— Já sabes o que vais fazer?

— Não.

— Não acredito que não tenhas procurado nada quando chegaste a casa. — *Contrapõe a mãe.*

— Sim, ontem, antes de sair procurei. Não encontrei nada, de nada. Até pedi conselhos a elas sobre o que devia fazer.

— Deixa-me adivinhar. — *Apoia um braço na bancada.* — Mandaram-te arranjar um rapaz para resolveres o assunto.

— Mais ou menos isso. — *Sorri.* — A Joana foi a única que disse para sair daqui. Para aproveitar e fazer umas férias.

Torce o nariz e apoia o cotovelo em cima da bancada. Segura o queixo na palma da mão e faz beicinho encarando os reflexos do sol a entrar pela cozinha. Pensando bem, era uma boa proposta, mas para onde iria nesta altura do ano? Assim, sem mais nem menos. Sem planeamentos, e com toda a certeza sem companhia. Seria a maior chatice de todos os tempos. Passaria o tempo mais concentrada na procura de um novo emprego em vez de se divertir. Deixa a torrada que segura na mão oposta cair em cima do prato e apoia os braços cruzados em cima da bancada, cabisbaixa.

— Não é um conselho mau de todo. — *Contrapõe a mãe.* — Desde que começaste a trabalhar que não tiras férias. Já lá vão quatro anos. Não estás assim tão necessitada de dinheiro para te enfiar de imediato entre quatro paredes.

— Mesmo sendo um bom conselho, não sei para onde iria.

Vendo a expressão desalentada da filha, pondera. Existia um lugar que podia sugerir, um lugar que sabia o quanto era especial para a filha. Só não sabia se ela concordaria. Mais do que a mãe, Rita não gostava muito de se distanciar dela desde que os pais se divorciaram.

A mãe limpa a boca no guardanapo de pano branco e toca-lhe no braço para lhe chamar a atenção.

— Não existe um lugar onde gostasses de ir?

Rita fixa os olhos castanhos da mãe, conhecia aquele brilho, o seu próprio reflexo.

— Eu não vou para um lugar a quilómetros de distância. Imagina se precisas de alguma coisa.

— Filha, eu já sou crescida, consigo tomar conta de mim. — *Sorri.* — Eu sei que te preocupas e entraste nessa jornada de me querer proteger. Mas Rita, a mãe aqui, ainda sou eu e não vou, nem devo, prender-te debaixo da minha asa.

— Não sei, além disso, para onde vou? Assim do nada?

— Posso sugerir um lugar? Um lugar que sei o quanto amas.

Rita torce o nariz. Sabia exatamente o lugar a que a mãe se referia, na verdade, as saudades eram mais do que alguma vez admitiria.

— A nossa casa do Gerês. Há anos que não vais lá. É bastante calmo e dá para relaxar. Quando vieres logo procuras alguma coisa.

— Eu já sabia. Mas mãe, tu e as minhas amigas estão a trabalhar. Qual é a piada ir para um sítio desses, sozinha? E o que vou fazer para passar os dias? Além disso, é a quilómetros...

A mãe mantém a expressão séria que corta o palrar da filha. Sabia que ela naquele momento não estava preocupada, só queria uma desculpa para não voltar lá.

— Isso são desculpas, Rita. Quero que te divirtas e aproveites esses dias de descanso. No Gerês podes fazer isso tudo. Quem sabe até encontres uma oportunidade de trabalho.

— Isso seria demais. — *Sorri.*

— Promete só uma coisa, se ponderares ir... — *Segura-lhe a mão.* — Pensa em tudo, menos no trabalho. Os teus planos e sonhos não vão fugir por causa de uns dias. — *Beija-lhe as costas da mão.* — Agora vou lavar esta louça...

— Deixa, eu já trato disso. — *Torce o nariz.* — Mãe... se eu resolvesse ir... poderia ser hoje? — *A mãe sorri.* — Isto se considerar todas as hipóteses antes de o fazer.

A mãe acaba de se despachar, dá-lhe um abraço, um beijo no cimo da testa e pega na mala. Antes de abrir a porta para sair em direção ao trabalho, volta a fitar o seu olhar para chamar a atenção da filha.

— A chave está no chaveiro, caso mudes de ideias. Se fosse eu ponderava bem, para aproveitares ainda o dia de hoje.

Manda um beijo à filha e sai, deixando-a cabisbaixa sem saber o que fazer. Rita sai a reboque do assento, com os pés descalços pelo frio que lhe arrepiava a pele, lava a louça e arruma a cozinha. Rega as flores e volta para dentro. Manda-se para o sofá, pega numa revista e logo a deita ao chão entediada. Abraça-se à almofada e suspira.

— Mal não me vai fazer.

A decisão estava tomada, mesmo sozinha, usufruiria das pequenas férias extra, assim esperava, que fossem muito pequenas. Sendo que a mãe estava coberta de razão, não precisava de se meter noutra trabalho por enquanto. Saborearia o descanso e mataria saudades da terra onde outrora passava as suas férias.

Sobe os degraus das escadas em direção ao quarto, enche uma mala e uma mochila. Senta-se na cama e liga à mãe dizendo que seguiu o conselho dela. Sente a satisfação na voz da mãe, cinco minutos de conversa e desliga a chamada. Desce as escadas em direção à saída, pega nas chaves do carro, da casa e coloca-se em viagem.



A aproximação ao seu Gerês era notória. Não foi preciso muito para se embrenhar naqueles montes, naquelas paisagens com a sua própria característica. A estrada luzidia através dos rasgos de luz que passavam pelo meio dos pinheiros, atravessando bosques de bétula. As variações de altitude faziam-na imaginar as florestas tropicais da Amazónia. Os ares místicos faziam-na sonhar. O ar era mais húmido, mais leve no seu ver. Fascinante atravessar cada recanto do seu Gerês, e tantas saudades que sentia. Afastada um pouco da estrada principal, por dentro de mais bosques, encontra a estrada onde

outrora atravessava na companhia dos seus pais, quando no banco traseiro vislumbrava através da janela, de olhos arregalados, o topo das árvores dançando com a aragem. Na segunda estrada, as árvores já se mostravam distantes, deixando um rasgo de abertura para o azul que abraçava aquele recanto. Uns solavancos e lá chegou à sua casa de férias. Ao estacionar constata que não era só a sua casa. Haviam sido construídas outras.

A casa que não via há 10 anos, quando teimava em não ir para lá, pois não conseguiria contactar as suas amigas e agora estava de volta. Aquele lugar que na infância percorria como se fosse dona dele. Agora teria de partilhar a beleza das montanhas com outras pessoas. Mesmo distanciados o suficiente para não se notarem.

A casa mais próxima ficava a metros da sua, em posição lateral. Ao aproximar-se vê a casa de madeira escura, com duas janelas brancas frontais e a porta de madeira clara. No lado lateral uma pequena churrasqueira e sem qualquer cerca ao seu redor. Sai do veículo e espreguiça-se contemplando a paisagem.

A lagoa envolta em pinheiros, com casas de madeira de um lado e outro. Os caminhos que atravessavam as montanhas em redor. O verde húmido da vegetação que lhe dava um ar esplêndido. A cascata que rebentava entre as rochas caindo desfreada na lagoa. Era um sítio que dava prazer explorar.

Retira a mala do interior do carro e quando abre a porta de casa sente logo o cheiro familiar, o conforto que o lugar proporciona.

Sem perder a euforia de voltar ao lugar onde passava as suas férias, foi buscar os sacos das compras que fez pelo caminho. Entra sem fechar a porta e coloca os respetivos sacos em cima da mesa e no chão.

Passa o dedo pela mesa castanha de madeira que estava no centro e repara que não continha pó. Sabia que a mãe continuava a mandar alguém para a manter limpa, mas queria constatar. Antes de colocar tudo no lugar foi à rua.

O sol raiava entre as rochas. Apoiou-se no gradeamento de madeira do alpendre, fechou os olhos e sentiu toda a calma que aquele lugar lhe transmitia.

